

Os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19

Communicators in the context of a year of the Covid-19 pandemic

Comunicadores en el contexto de un año de la pandemia Covid-19

Roseli Figaro

Universidade de São Paulo | roseli.figaro@gmail.com

Ana Flávia Marques

Universidade de São Paulo | anaflaviamarx@usp.br

Camila Acosta Camargo

Universidade de São Paulo | camila.acosta.camargo@usp.br

Claudia Nociolini Rebecchi

Universidade Tecnológica Federal do Paraná | claudiarebecchi@utfpr.edu.br

Daniela Ferreira de Oliveira

Universidade de São Paulo | danifeoli@gmail.com

Jamir Osvaldo Kinoshita

Universidade de São Paulo | jamir.kinoshita@usp.br

Janaina Visibeli Barros

Universidade do Estado de Minas Gerais | jvisibeli@gmail.com

João Augusto Moliani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná | guto.moliani@gmail.com

Naiana Rodrigues da Silva

Universidade Federal do Ceará | naianarodrigues@gmail.com

Yonara Aparecida Santana

Universidade de São Paulo | yonara211@gmail.com

Resumo: Trata-se de pesquisa quanti-qualitativa, cujo objetivo é verificar as condições de trabalho dos(as) comunicadores(as) em um ano da pandemia de Covid-19 no Brasil. Usamos o questionário com perguntas de múltipla escolha e com questões abertas, em formulário da plataforma Google, disponível entre 5 e 30 de abril de 2021. A amostra é não probabilística, com respondentes voluntários, que tiveram acesso ao formulário por meio do site e das redes sociais do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e de 26 instituições parceiras. A maioria são mulheres, jovens com até 35 anos, têm graduação e pós-graduação na área de comunicação, declaram-se jornalistas e trabalham em home office. O WhatsApp e o e-mail são as ferramentas mais usadas para as atividades de trabalho. Houve aumento da jornada e do ritmo de trabalho em relação ao período anterior à pandemia. Os salários foram onerados com custos extras relativos a despesas como energia elétrica, internet, equipamentos, etc. Cerca de 20% contraiu Covid-19, mas a maioria sofre com distúrbios do sono, irritação, insegurança e depressão.

Palavras-chave: Covid-19; um ano de pandemia; comunicadores; trabalho.

Abstract: This is quantitative-qualitative research, which aims to verify the working conditions of communicators in a year of the Covid-19 pandemic in Brazil. We used the questionnaire with multiple-choice questions and open-ended questions, in a Google platform form, available from 5 to 30 April 2021. The non-probabilistic sample of volunteer respondents, with access to the form through the website and social networks of the Communication and Work Research Center (CPCT), of the Communication and Arts School, University of São Paulo (ECA-USP), and 26 partner institutions. The majority are women, young people up to 35 years old, have undergraduate and graduate degrees in the field of Communication, declare themselves journalists and work in home office. WhatsApp and email are the most used tools for work activities. There was an increase in the workload and pace of work in relation to the period before the pandemic. Wages were burdened with extra costs related to expenses such as electricity, internet, equipment etc. About 20% contracted Covid-19, but most suffer from sleep disorders, irritation, insecurity, and depression.

Keywords: Covid-19; a year of pandemic; communicators; work.

Resumen: Se trata de investigación cuantitativa-qualitativa, cuyo objetivo es verificar las condiciones de trabajo de los comunicadores(as) en un año de la pandemia de COVID-19 en Brasil. Utilizamos el cuestionario con preguntas de opción múltiple y con preguntas abiertas, en formulario de la plataforma Google, disponible del 5 al 30 de abril de 2021. La muestra es no probabilística, con encuestados voluntarios, que tuvieron acceso al formulario a través del sitio web y las redes sociales del Centro de Investigación en Comunicación y Trabajo (CPCT) de la Escuela de Comunicaciones y Artes, Universidad de São Paulo (ECA-USP) y de 26 instituciones asociadas. La mayoría son mujeres, jóvenes con hasta 35 años, tienen graduación y posgrado en el área de Comunicación, se declaran periodistas y trabajan en home office. WhatsApp y el correo electrónico son las herramientas más utilizadas para las actividades laborales. Hubo un aumento de la jornada y del ritmo de trabajo en relación al período anterior a la pandemia. Los salarios fueron cargados con costos adicionales relativos a los gastos como energía eléctrica, internet, equipos etc. Cerca del 20% contrajo Covid-19, pero la mayoría sufre trastornos del sueño, irritación, inseguridad, depresión.

Palabras-claves: Covid-19; un año de pandemia; comunicadores; trabajo.

Introdução

A pandemia de Covid-19 se alastrou pelo Brasil, contaminando milhões e levando à morte centenas de milhares de brasileiros. A taxa de mortalidade pela doença no país foi uma das mais altas do mundo: esteve em 260,9 mortos por 100 mil habitantes, segundo dados do Painel Coronavírus, do Ministério da Saúde, coletados em 23 de julho de 2021 (BRASIL, 2021).

Entre os comunicadores, o número de mortes foi expressivo. Os jornalistas são os mais expostos, devido à natureza de seu trabalho. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), no dossiê *Jornalistas vitimados pela Covid-19*, aponta que 278 morreram em decorrência da doença, de abril de 2020 a julho de 2021 (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2021).

Os comunicadores são profissionais que trabalham no jornalismo, na comunicação das organizações de diferentes perfis, instituições públicas e privadas, internamente ou via agências de comunicação e de publicidade, prestando serviços também a personalidades, autoridades e empresas de mídia. Na produção jornalística, na divulgação científica, no setor de saúde, seja em órgãos públicos ou privados, hospitais, secretarias estaduais ou municipais ou no apoio institucional, os profissionais da comunicação são requisitados e fundamentais.

A informação é o eixo do trabalho desses profissionais, produto imprescindível em momento de crise sanitária e humanitária. Foi essa percepção que norteou duas pesquisas que empreendemos (FIGARO, 2020; FIGARO, 2021) com o objetivo de verificar as condições de trabalho dos(as) comunicadores(as) no desempenho de suas funções no contexto de um ano da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Tal contexto torna-se ainda mais dramático por causa do cenário geral das condições de trabalho desses profissionais. Nas últimas duas décadas, a marca da inovação tecnológica veio acompanhada de maior precarização, rebaixamento salarial, aumento das jornadas e do ritmo de trabalho. Esse cenário já foi discutido por muitos pesquisadores, sobretudo no que diz respeito ao trabalho dos jornalistas (LELO, 2019; NICOLETTI, 2019; DANTAS, 2019; PITHAN; VACLAVIK; OLTRAMARI, 2020).

Neste artigo, tratamos dos resultados das pesquisas de forma a permitir uma visão geral sobre o trabalho dos comunicadores no período de um ano de pandemia. Para cumprir este objetivo, apresentamos uma síntese dos resultados da primeira investigação, feita em abril de 2020. Em seguida, de forma mais detalhada, tratamos dos objetivos, da metodologia, dos resultados, da discussão e da conclusão da segunda pesquisa, realizada em abril de 2021. Os dados dessa investigação podem contribuir com políticas públicas de proteção às condições de trabalho desses profissionais e possibilitam inferências sobre suas implicações na qualidade da informação que circula em nossa sociedade.

Síntese da primeira pesquisa (2020)

Os resultados do primeiro levantamento (FIGARO, 2020), realizado entre 5 e 30 de abril de 2020¹, contou com a participação de 557 respondentes. A maioria jovens,

¹ Há artigos publicados sobre os resultados da pesquisa em 2020. Ver: Figaro et al (2020a; 2020b).

mulheres, com nível superior de escolaridade, declarando-se jornalistas, assessores de comunicação, relações públicas e publicitários que atuavam em diferentes áreas do campo da comunicação. As modalidades de trabalho home office e mista (parte presencial, parte por teletrabalho) foram as adotadas por empresas e profissionais na época.

O que mais impactou o trabalho em 2020, em razão da pandemia, foi a mudança para o home office, com repercussão na rotina da vida doméstica e implicações nos relacionamentos entre adultos, jovens e crianças. Também o trabalho na modalidade mista (remoto e presencial) trouxe mudanças para o exercício profissional. Essa situação, aparentemente simples, revelou, no entanto, um amplo espectro de questões a serem geridas: a primeira, sem dúvida, é o confronto entre os espaços de trabalho e doméstico. As profissionais mães foram as que mais relataram dificuldades, estresses e tensões com essa nova situação.

A gestão do tempo da jornada laboral e do seu ritmo ficou comprometida para todas as modalidades de trabalho – remota, mista e presencial –, segundo os respondentes. O distanciamento social potencializou o uso de aplicativos e ferramentas digitais para a realização da atividade profissional. Além da intensificação e do aumento da jornada, esses dispositivos trouxeram o embaralhamento entre as atividades digitais voltadas para finalidades privadas e as atividades digitais de gestão e realização do trabalho. O expediente e o lugar de trabalho ocuparam tempos e espaços da vida privada – com família, filhos e amigos –, de estudo e de lazer. Esse imbricamento tem implicações cognitivas que afetam os sentidos do trabalho e a constante sensação de cansaço, estresse e pressão relatados pelos profissionais.

A pesquisa também revelou que as condições de trabalho, as rotinas produtivas e a saúde dos profissionais foram afetadas pela maneira de se organizar o distanciamento social no trabalho. Os problemas identificados foram: perda do controle do espaço privado do lar; maiores custos para a realização do trabalho; densificação da jornada; e desorganização de rotinas produtivas e de coletivos de trabalho. Essa situação criou grande desconforto e estresse, exigindo um repensar sobre o mundo do trabalho (FIGARO, 2020).

Passado um ano, aplicamos um novo instrumento de pesquisa para saber como estão trabalhando os comunicadores e como se organizam e se adaptam para enfrentar momento tão dramático na vida de todos nós.

Objetivos e metodologia da segunda pesquisa (2021)

A pesquisa qualitativa, com amostra não estatística, composta por representatividade social, tem o objetivo de verificar as condições dos(as) comunicadores(as) no desempenho de suas funções laborais no contexto de um ano da pandemia de Covid-19 no Brasil. O levantamento dos perfis dos profissionais, das suas condições de trabalho, do uso das tecnologias e dos relacionamentos e desafios impostos pela pandemia possibilitam identificar as imposições, as dificuldades e as soluções encontradas no exercício profissional.

O instrumento de pesquisa foi um questionário com perguntas de múltipla escolha e com questões abertas para respostas discursivas, em formulário da plataforma Google. Ficou disponível para os respondentes de 5 a 30 de abril de 2021. O questionário contou com perguntas relativas à autorização dos participantes para a divulgação dos dados, bem como declaração de interesse em receber os resultados da pesquisa.

As 49 perguntas (abertas e fechadas) tratam de informações sobre o perfil dos respondentes (nome, idade, gênero, identidade étnica, estado civil, filhos, estado e cidade de moradia, número de moradores na residência, escolaridade); dados profissionais (profissão, cargo/função, atividade que desempenha, empresa, vínculo contratual, remuneração); condições do exercício profissional (tipo de veículo em que atua, equipamentos, principais atividades, carga horária), condições de trabalho na pandemia (modalidade da jornada de trabalho – presencial, home office, mista –, carga horária, providências da empresa em relação à Covid-19, equipamentos e ferramentas para o trabalho, organização da rotina de trabalho, perda de contrato e/ou redução de salário, avaliação da situação de trabalho), avaliação e sentimento geral sobre as condições de trabalho na pandemia (como tem percebido as mudanças, tipos de constrangimento no trabalho, tipo de adoecimento, principais medos e depoimento final).

A amostra foi construída a partir dos respondentes voluntários que tiveram acesso ao formulário por meio do site e das redes sociais do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e das redes sociais das instituições que apoiaram a pesquisa. A rede de apoiadores foi construída a partir de consulta convite para a parceria. São 26 entidades em diferentes estados do Brasil, de caráter acadêmico – cursos, faculdades, grupos de pesquisa, associações –, entidades profissionais, sindicais e associações específicas que divulgaram a seus associados o questionário da pesquisa. Ao final do período, foram alcançados 1.018 respondentes.

A validação dos dados identificou: a) pessoas que responderam duas vezes ao formulário (nesses casos, as respostas foram comparadas e retiramos uma delas, considerando a incompletude de dados e a data de acesso ao formulário); b) formulários com resposta incompleta (foram excluídos); c) respostas de profissionais que não trabalham com comunicação (também foram excluídas). Encerrada a fase de validação das respostas, obtivemos 994 respondentes.

Como método de tratamento dos dados, na análise quantitativa das questões fechadas e de múltipla escolha, foram gerados gráficos e quadros, consolidando os dados numéricos que permitem afirmações e inferências. As questões abertas foram analisadas em consonância à análise de conteúdo (BARDIN, 1979), buscando a aglutinação dos termos mais próximos com base nos campos semânticos/lexicais (ULLMANN, 1973), pertinentes à construção de categorias analíticas.

Perfil geral dos respondentes

Os 994 respondentes validados são oriundos dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, cobrindo, portanto, todo o território nacional e abrangendo metrópoles, grandes, médios e pequenos municípios. Também responderam dois comunicadores baseados no exterior – no México e na Holanda.

São 347 de São Paulo, estado com o maior número de respondentes; seguido de Minas Gerais, com 152 participantes; 58 do Rio Grande do Sul; 56 do Ceará; Rio de Janeiro, com 46; Paraná, com 44; e Distrito Federal, com 50. Os demais estados comparecem com números menores de participantes. Vale destacar a presença de respondentes em

localidades como Ouro Preto do Oeste (RO), Viradouro (SP), Ivoti (RS) e Nossa Senhora das Dores (SE), categorizados como municípios locais². Entre os municípios de pequeno porte, há respondentes em cidades como Jardinópolis (SC), Conquista D’oeste (MT) e Óleo (SP).

Os respondentes se localizam em 210 cidades, distribuídas em todas as unidades federativas. Todas as 17 cidades consideradas metrópoles nacionais tiveram respondentes. Entre as metrópoles regionais, 27 tiveram respondentes. Os centros regionais foram representados por 97 cidades; os municípios médios, por 22 cidades; os municípios locais, por 38 cidades; e os de pequeno porte, por 5 cidades. Esse amplo leque de respondentes nos permite ter um quadro geral bastante representativo da diversidade profissional da área e de como ela se manifesta em todo o território nacional.

Tabela 1. Dez cidades com o maior volume de participantes na pesquisa (2021)

Cidade	UF	Participantes	População	Posição no ranking populacional
São Paulo	SP	224	12 325 232	1
Belo Horizonte	MG	79	2 521 564	6
Fortaleza	CE	48	2 686 612	5
Brasília	DF	38	3 055 149	3
Curitiba	PR	33	1 948 626	8
Rio de Janeiro	RJ	33	6 747 815	2
Porto Alegre	RS	32	1 488 252	12
Divinópolis	MG	30	240 408	126
Cuiabá	MT	18	618 124	35
Aracaju	SE	17	664 908	33

Fonte: Elaboração dos autores.

Com relação ao perfil dos respondentes, os dados mostram que 35% dos participantes têm idade entre 31 e 40 anos; 24% estão na faixa etária de 21 e 30 anos; 22% têm entre 41 e 50 anos; 12% têm entre 51 e 60 anos; 6% têm mais de 60 anos; e 1% está entre 18 e 20 anos.

Em relação à identidade de gênero, 59% dos respondentes se declararam do gênero feminino; 41% se declararam do gênero masculino. “Prefiro não declarar” foi a resposta de 4 participantes; 2 se declararam “não binário”; e 1 optou por “outros”, sem declarar em qual gênero se reconhece, embora houvesse oportunidade para isso.

Quanto à identidade de cor, 68% se declaram brancos; 20% se identificaram como pardos; 9% se declararam pretos; 2%, amarelos; e 1%, indígenas. Outros 15 respondentes não se enquadraram em nenhuma das categorias.

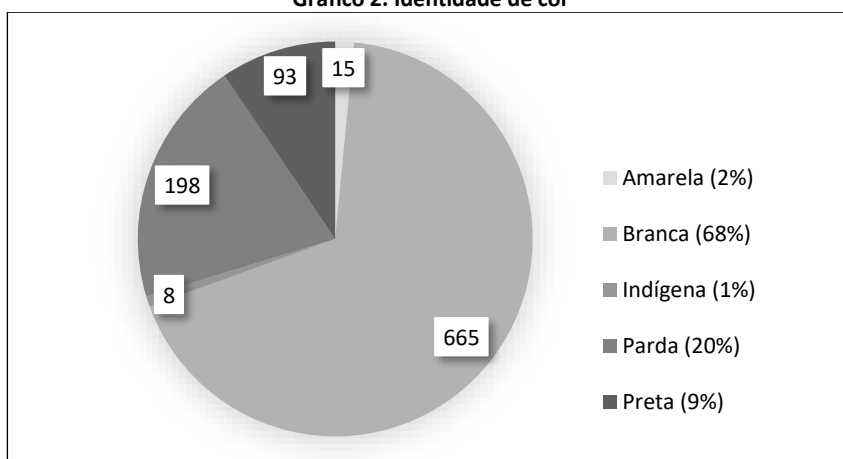
² Municípios locais, ou cidades locais, são cidades menores, em que sua população, muitas vezes, recorre a centros urbanos maiores para ter acesso a bens ou serviços. Neste estudo, eles estão representados pelas cidades entre 10 mil e 50 mil habitantes.

Gráfico 1. Identidade de gênero



Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 2. Identidade de cor

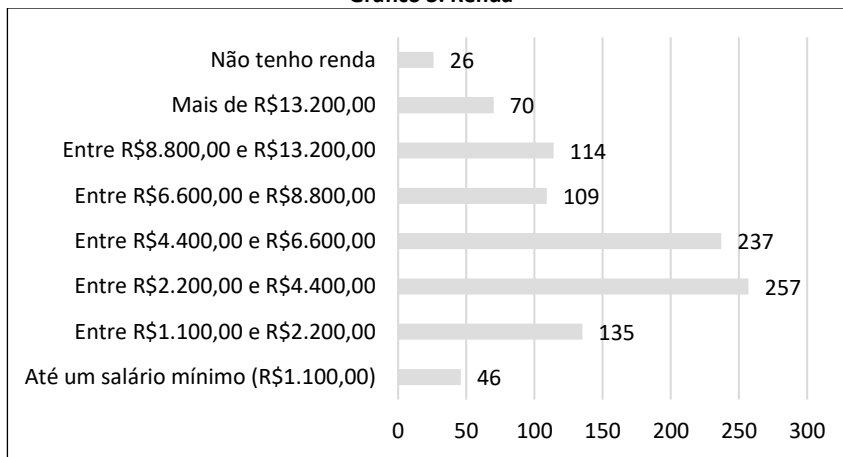


Obs.: Não estão contabilizados aqui os 15 respondentes que não se enquadraram em nenhuma das categorias.

Fonte: Elaboração dos autores.

No que diz respeito à escolaridade e à renda, o perfil dos respondentes mostra um grupo profissional qualificado e com renda média acima da média do brasileiro. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “a renda média per capita recuou pela primeira vez abaixo de mil reais mensais, para R\$ 995 nos três primeiros meses de 2021” (PASSARELI, 2021, online). No caso dos comunicadores, conforme mostra o Gráfico 3, as faixas entre R\$ 2.200,00 a R\$ 4.400,00 e R\$ 4.400,00 a R\$ 6.600,00 aglutinam mais da metade dos participantes.

Gráfico 3. Renda

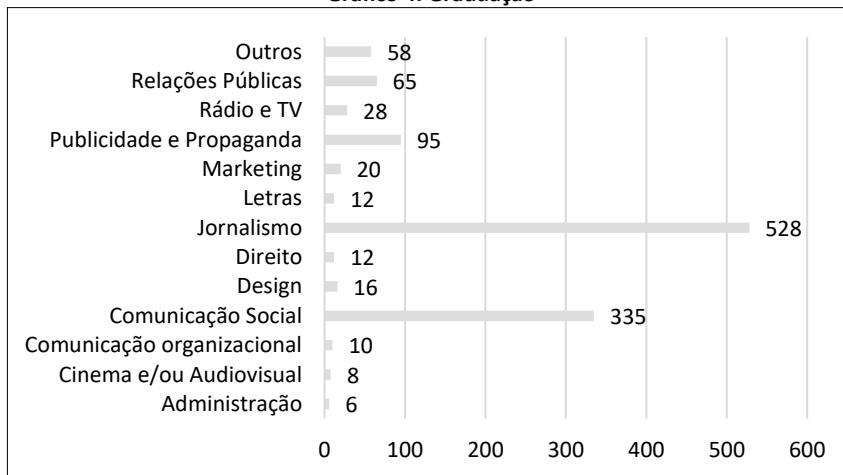


Obs.: 100 respondentes afirmaram estar sem trabalho remunerado.

Fonte: Elaboração dos autores.

Com relação à escolaridade, a maioria absoluta tem ensino superior completo e grande parte tem pós-graduação em nível de especialização. Embora haja elevada qualificação, os dados demonstram os baixos salários no setor da comunicação. É uma força de trabalho especializada que, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, teve melhores oportunidades salariais, caso dos jornalistas, conforme indicam dados da Fenaj³.

Gráfico 4. Graduação

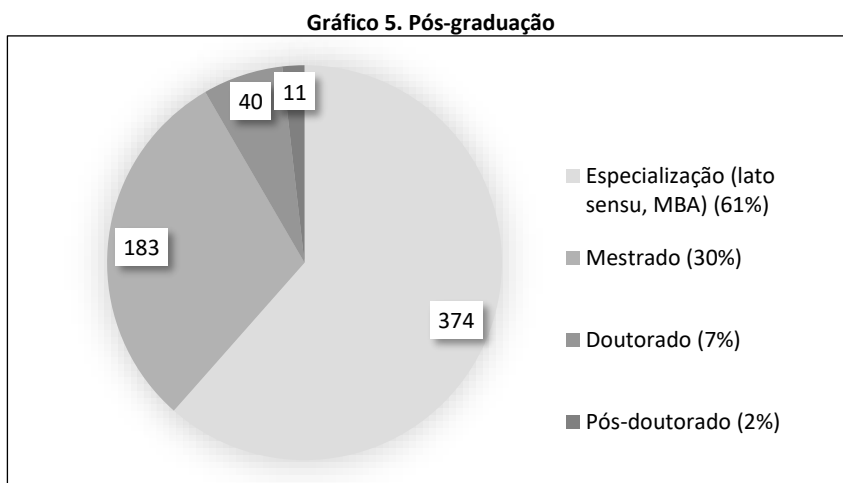


Fonte: Elaboração dos autores.

³ No site www.fenaj.org.br, encontram-se indicadores da média salarial dos jornalistas no Brasil em 2003, no valor de R\$ 2.286,36. Naquela época, o salário-mínimo nacional era de R\$ 240,00 (VEJA..., 2021, online). Portanto, o salário médio do jornalista equivalia a 9,52 salários-mínimos. Ver também: Thibes e Nicoletti (2017).

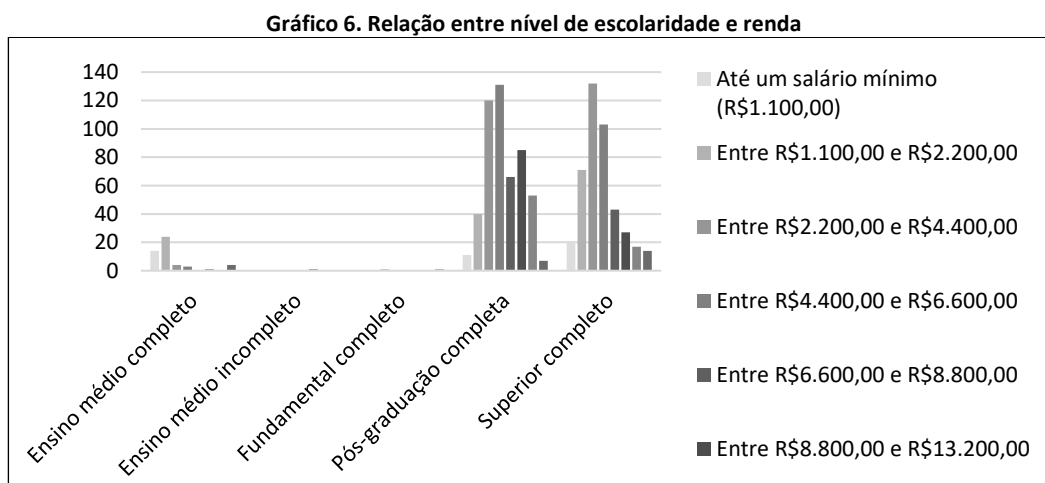
Como visto no Gráfico 4, a maioria dos respondentes (528) tem curso superior em Jornalismo. Comunicação Social foi o curso declarado por 335 participantes, sendo que não fica claro qual é a habilitação profissional. Outros cursos tradicionais da área são Publicidade e Propaganda, com 95 respondentes, e Relações Públicas, com 65. Abre-se também um leque de outras formações em nível de graduação.

Na pós-graduação, 61% fizeram especialização; 30% fizeram mestrado; 7%, doutorado; e 2%, pós-doutorado. É o que mostra o Gráfico 5.



Fonte: Elaboração dos autores.

Para ficar mais evidente a relação entre nível de escolaridade e renda, o Gráfico 6 mostra o cruzamento desses dados.



Fonte: Elaboração dos autores.

Com nível superior completo, a faixa de renda de maior número de respondentes é a de R\$ 2.200,00 a R\$ 4.400,00; já entre os que têm nível de pós-graduação a faixa de renda declarada pela maioria de participantes é de R\$ 4.400,00 a R\$ 6.600,00. É expressivo o número de 53 respondentes com pós-graduação que declaram receber mais de R\$ 13.200,00.

Com relação ao estado civil, 49% dos respondentes declararam-se solteiros; 29% são casados; 14% declararam união estável; 7%, divorciados; 1%, viúvos. O perfil jovem e solteiro de profissionais do gênero feminino vem se mostrando desde pesquisas realizadas no início dos anos 2000 (FIGARO, 2013; MICK; LIMA, 2013). No entanto, mesmo se declarando solteiros, há entre eles os que afirmaram morar com o(a) companheiro(a). A situação de moradia é relevante no atual quadro da pandemia por causa do distanciamento social e do trabalho em casa. Morar sozinho(a) ou acompanhado(a) faz bastante diferença em relação aos custos de manutenção da casa e em relação à renda familiar. Nesse sentido, a pesquisa inquiriu os respondentes sobre o número de pessoas com quem residem e quais são os laços afetivos existentes entre os moradores da casa. A maioria reside com mais uma ou duas pessoas; 170 respondentes moram sozinhos; 180 moram com mais de três pessoas. Entre os laços de afetividade, a maioria declarou morar com o(a) companheiro(a); 323 moram com filho(a); e 242 moram com o pai e/ou a mãe. Esses dados são relevantes para termos uma ideia da complexidade da gestão do espaço privado da casa quando o trabalho é transferido para lá.

Condições de trabalho durante a pandemia

O distanciamento social criou para os comunicadores a situação *sui generis* de, por exemplo, em uma mesma empresa haver atividade presencial, atividade remota e atividade mista, ou seja, rodízio entre as modalidades presencial e remota. O ineditismo do momento causou em 2020 muito imprevisto, sem infraestrutura adequada para promover qualidade no trabalho home office.

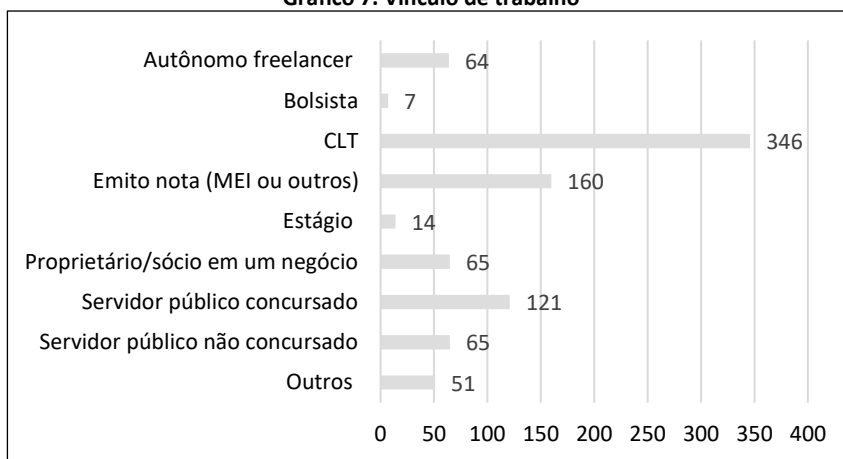
Passado mais de um ano, estamos em situação incerta com relação ao retorno à normalidade do trabalho presencial. Entre os comunicadores, cerca de 25% passam por perdas de contrato, perdas de clientes e demissões. É um dado bastante expressivo no cenário de crise, desemprego e precarização do trabalho. Os problemas se aprofundaram com a pandemia em um quadro geral já bastante difícil, conforme mostram os números divulgados pelo Volt Data Lab (2018)⁴.

Quando perguntados sobre o vínculo empregatício, exceto os 100 respondentes que já haviam declarado estar sem rendimentos, a maioria (346) afirmou ter contrato pela CLT, conforme mostra o Gráfico 7. Os servidores públicos também tiveram participação expressiva na pesquisa (121). Os microempreendedores individuais (MEIs), os que se declaram autônomos e os que se afirmam proprietários/sócios do negócio, em pontos bem diferentes do regramento da legislação, podem, a depender do investimento no negócio,

⁴ De 2012 a 2018, agência independente de jornalismo Volt Data Lab computou 7.817 demissões realizadas por empresas de mídia no Brasil. Entre os demitidos, 2.327 eram jornalistas.

estar bem próximos quando se trata das condições reais de trabalho. Servidor público não concursado, outros tipos de vínculo, bolsistas e estagiários completam o quadro das informações sobre vínculo empregatício dos respondentes da pesquisa.

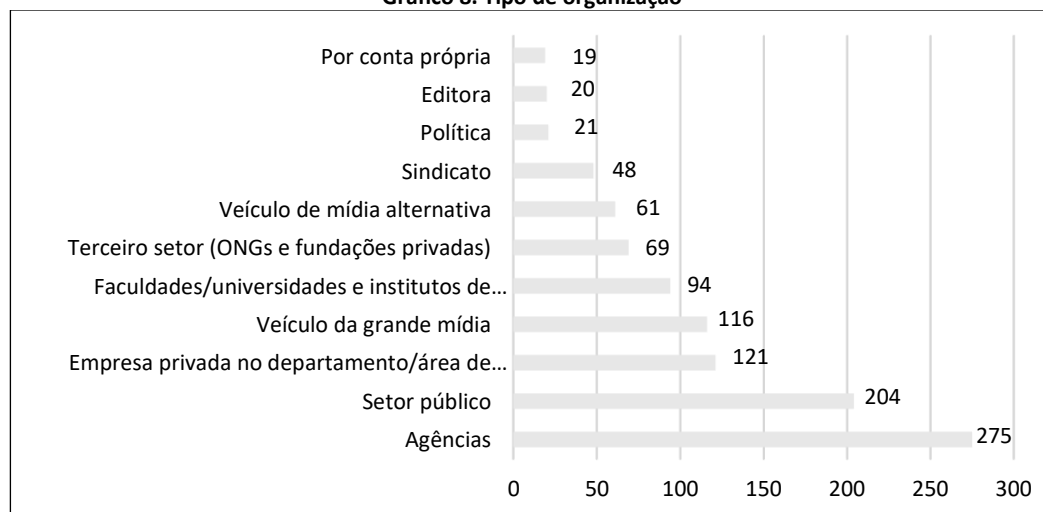
Gráfico 7. Vínculo de trabalho



Fonte: Elaboração dos autores.

A pesquisa buscou informações sobre o tipo de organização em que trabalham os comunicadores. As agências foram as mais citadas por 275 respondentes. São agências de comunicação, agências de assessoria de imprensa, de marketing, de publicidade e propaganda e dos mais diversos tipos de prestação de serviços de comunicação. Em seguida, vem o setor público, com 204 respondentes; 121 participantes afirmaram trabalhar para empresas privadas, no departamento de comunicação. Em veículos da grande mídia, são 116 respondentes; em faculdades, universidades e institutos de pesquisa, 94. Terceiro setor (69), veículo de mídia alternativa (61), sindicato (48), política (21), editora (20) e por conta própria (19) perfazem os demais tipos de organizações nas quais atuam os comunicadores respondentes da pesquisa. O Gráfico 8 ilustra esses dados, que chamam nossa atenção, porque apenas 19 participantes afirmaram trabalhar por conta própria. Aspecto que pode demonstrar certa naturalização da perda de vínculos contratuais por aqueles que são autônomos – freelancers e/ou MEIs – em relação à organização em que atua para trabalhar.

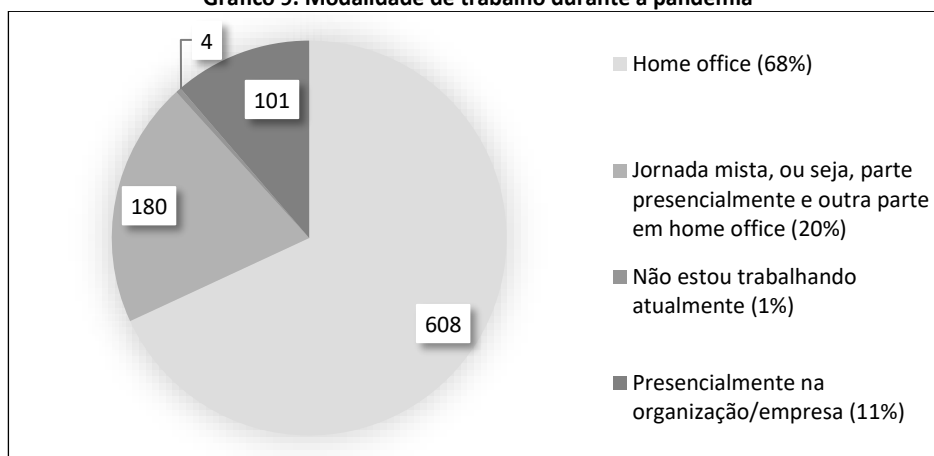
Gráfico 8. Tipo de organização



Fonte: Elaboração dos autores.

A relação entre vínculo empregatício, organização em que atua para trabalhar e condições de trabalho ficam mais complexas quando levantamos os dados sobre a modalidade do trabalho durante a pandemia. O Gráfico 9 mostra que 68% dos respondentes foram para o trabalho remoto em casa, o home office; 20% estão em jornada mista; 11% trabalham presencialmente; e 1% declarou não estar trabalhando.

Gráfico 9. Modalidade de trabalho durante a pandemia

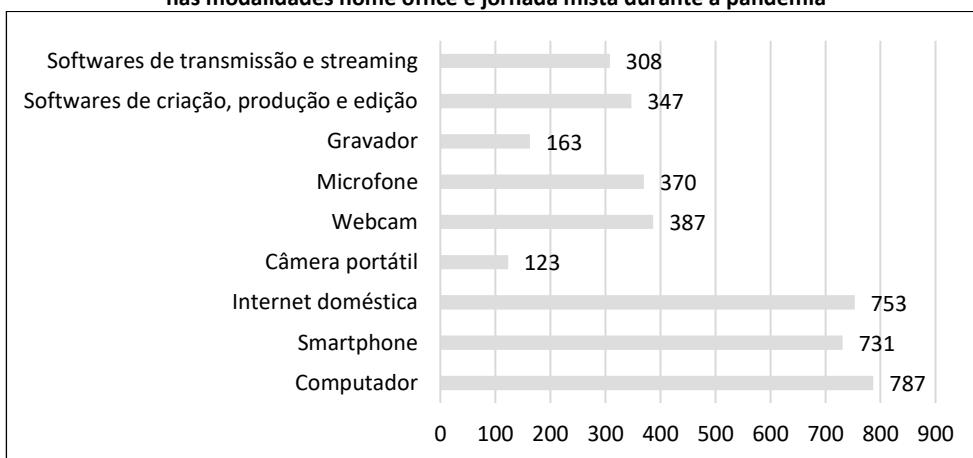


Fonte: Elaboração dos autores.

A situação do trabalho em home office causa uma primeira mudança, ou seja, para adaptar o espaço e o tempo da casa ao espaço/tempo do trabalho. Para aqueles que a

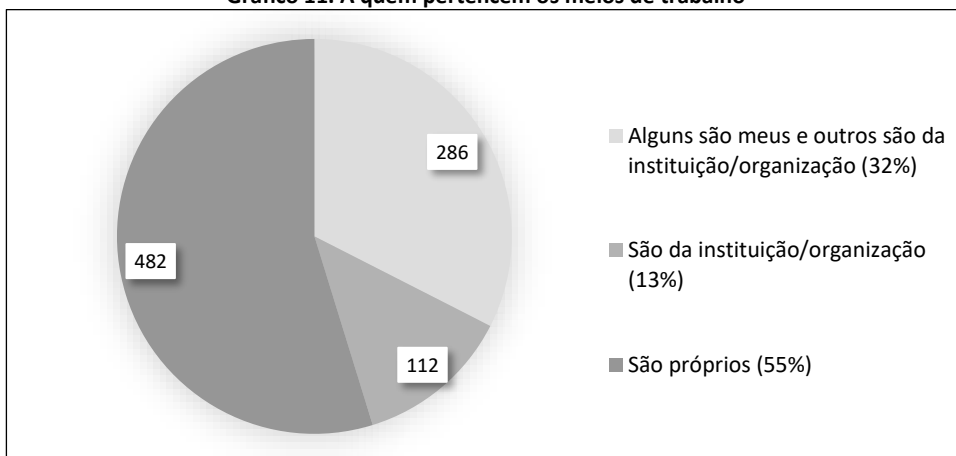
precarização já havia imposto a situação de freelancer/MEI, pode ser que o espaço da casa já havia sido transformado e negociado com o do trabalho, mas o distanciamento social trouxe um agravante, porque as reuniões de contato e todas as demais atividades para o trabalho foram transferidas também para o espaço virtual. Uma segunda questão que se coloca diz respeito aos equipamentos e aos mobiliários necessários para o trabalho. A situação inédita gerou uma série de improvisos, e a maioria das empresas não conseguiu prover a infraestrutura básica para o trabalho em casa. Os Gráficos 10 e 11 ilustram os meios necessários para a atividade em home office e em jornada mista, bem como quem são os proprietários dos meios para o trabalho.

Gráfico 10. Recursos utilizados para desenvolver atividades nas modalidades home office e jornada mista durante a pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 11. A quem pertencem os meios de trabalho

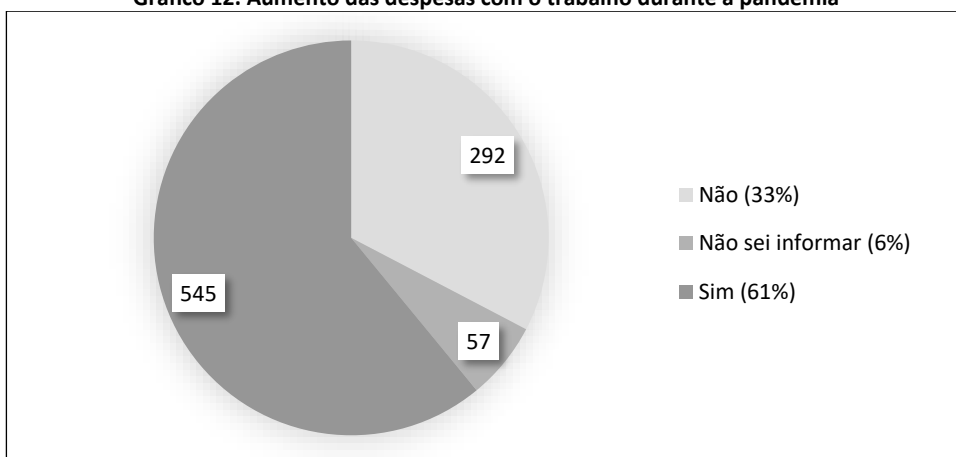


Fonte: Elaboração dos autores.

O Gráfico 10 mostra equipamentos, softwares e acesso à internet como fundamentais para o exercício da atividade. O Gráfico 11, por sua vez, revela que apenas 112 respondentes afirmaram que a empresa supriu a necessidade desses recursos; 482 respondentes estão usando equipamentos e recursos próprios; e 286 afirmaram a dupla responsabilidade por suprir os meios para o trabalho. Esse fato explica por que as despesas com o trabalho durante a pandemia aumentaram, conforme revelam as respostas no Gráfico 12, no qual se verifica que 61% dos respondentes afirmaram ter tido aumento nas despesas.

Essa situação é bastante crítica, sobretudo quando se sabe que houve perda de clientes, quebra de contratos, redução salarial, entre outras restrições.

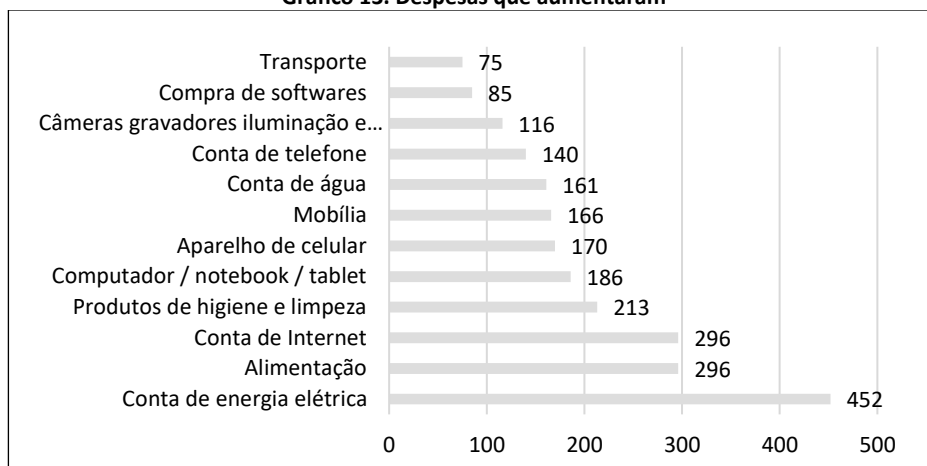
Gráfico 12. Aumento das despesas com o trabalho durante a pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

Ao questionarmos o que aumentou em termos de custos para o trabalho, as respostas são conta de energia elétrica, alimentação, conta de internet, produtos de higiene e limpeza, seguidos por todos os equipamentos necessários para o trabalho. O Gráfico 13 mostra a distribuição das respostas. Vê-se que trabalhar em casa desonera a empresa/organização de custos básicos como energia elétrica, água, alimentação (vales), internet e produtos de higiene e limpeza, além dos itens de equipamentos. Isso dá uma ideia do que significa para os trabalhadores assumirem custos que estavam embutidos nos preços das empresas, uma vez que o valor de mercadorias/serviços já contém esses custos. Quando se transfere essas despesas para o home office, quem vai pagar a conta?

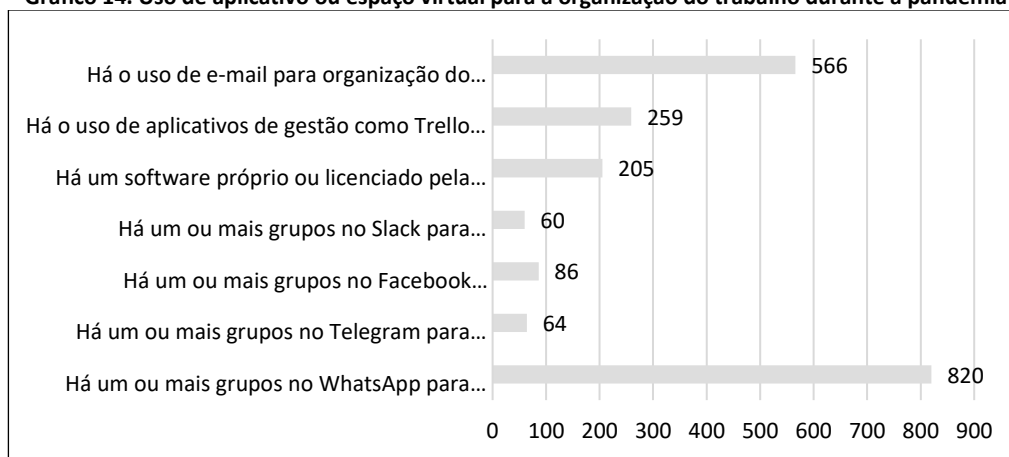
Gráfico 13. Despesas que aumentaram



Fonte: Elaboração dos autores.

Além da falta de infraestrutura e dos custos aumentados, o home office e a jornada mista trouxeram outro desafio: realizar a atividade de maneira virtual, isto é, as rotinas produtivas foram reorganizadas para a situação de distanciamento social e de home office, colocando uma série de novos desafios a serem enfrentados para a adaptação e para a criação de outras maneiras de realizar o trabalho. As plataformas digitais, na forma de softwares e aplicativos, passaram a ser artefatos fundamentais para o trabalho. O planejamento, a distribuição, o controle e a avaliação dos processos de trabalho, além da gestão coletiva e individual, estão sendo feitos totalmente via aplicativos digitais que, geralmente, pertencem a uma ou duas *big techs* (MOROZOV, 2020), que, pela lógica da plataformização (SRNICEK, 2018) e da gestão algorítmica, passam a controlar o trabalho (CASILLI, 2019). O Gráfico 14 mostra as respostas sobre quais são os suportes e os meios mais utilizados nesse período de distanciamento social. Esses usos não se restringem aos comunicadores em home office, mas abarca todo o conjunto de trabalhadores, visto que as jornadas mista e presencial, devido ao distanciamento social, também requerem esses artefatos. O aplicativo WhatsApp e o e-mail são as ferramentas mais usadas. Chama a atenção que, depois de um ano, as empresas preferiram não usar sistema próprio para a organização do trabalho. Portanto, mais uma vez, o uso de aplicativos proprietários como WhatsApp, Trello, Slack e Facebook foram adotados de modo espontâneo pelos trabalhadores, desonerando a empresa/organização de pagar por um sistema próprio. Essa decisão trará implicações com relação à privacidade de dados das empresas e dos trabalhadores.

Gráfico 14. Uso de aplicativo ou espaço virtual para a organização do trabalho durante a pandemia



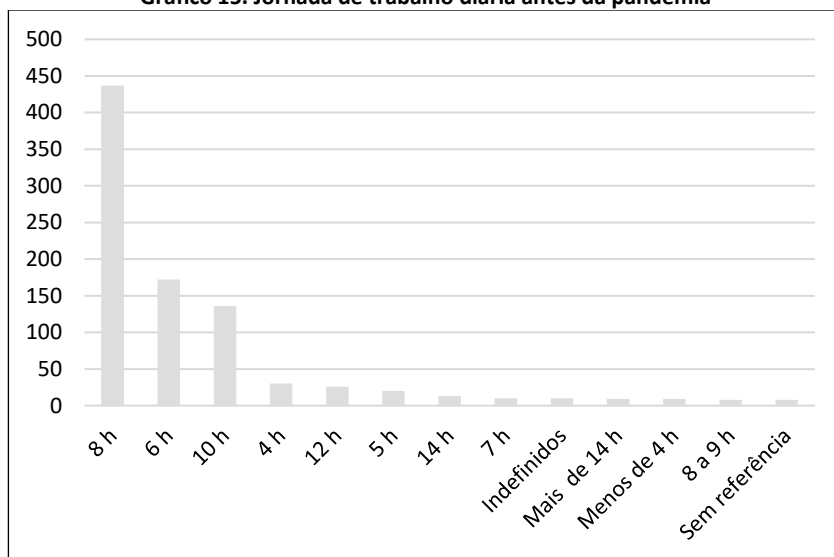
Fonte: Elaboração dos autores.

A migração para as condições de trabalho em distanciamento social em período de pandemia criou um leque de desafios para a reorganização do trabalho. A gestão do trabalho no cotidiano conta com a experiência pessoal, as normas e os manuais de procedimentos das empresas/organizações. Conta também com os coletivos de trabalho que participam do processo de produção. O distanciamento social com o home office coloca em suspensão todo esse arcabouço de conhecimentos e obriga os comunicadores a reinventarem suas formas de trabalhar. Como ter contato com as fontes? Como aprovar um projeto? Como apurar uma informação? Como gravar som e imagem sem os recursos disponíveis na empresa? Como organizar reuniões, discussões sobre as tarefas e projetos a serem realizados? Para Schwartz, Duc e Durrive (2007, p. 200), há aí fatores que dizem respeito ao que denominam de *entidades relativamente pertinentes* (ERP), ou seja, todas as relações necessárias para que o trabalho seja realizado. Nós entendemos que as ERPs são relações de comunicação estruturantes do trabalho. Alterar essas formas de relacionamento demanda tempo e maior esforço do trabalhador.

Toda essa gama de atividades requisitou a reorganização das rotinas produtivas pelos profissionais da comunicação e lhes exigiu mais tempo, mais dedicação, um uso de si muito maior para o trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Talvez estas sejam as explicações para o aumento das jornadas de trabalho de expressiva parcela dos respondentes e as consequências para os adoecimentos emocionais.

O Gráfico 15 mostra a distribuição da jornada de trabalho declarada pelos respondentes *antes* da pandemia. Vê-se que a maioria declarou trabalhar 8 horas diárias (436 respondentes). Os que afirmaram trabalhar 10 horas antes da pandemia são 136. Se somarmos os que declararam trabalhar mais de 10 horas, teremos o número de 48 respondentes.

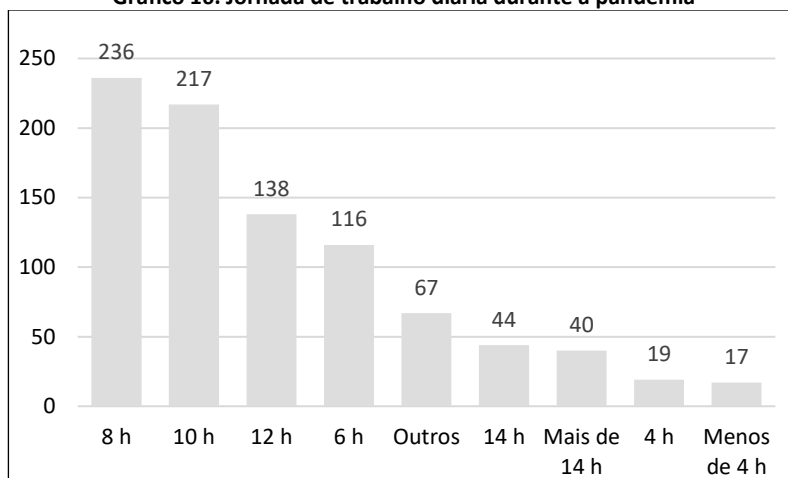
Gráfico 15. Jornada de trabalho diária antes da pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

No entanto, quando a pesquisa solicita aos respondentes declararem a jornada de trabalho *durante* a pandemia, verifica-se a migração daqueles que trabalhavam 8 horas ou menos para jornadas maiores. O Gráfico 16 mostra a ampliação das jornadas dos comunicadores no empenho de realizar e reorganizar as rotinas produtivas, adaptando-se às modalidades mista e home office, bem como aos meios digitais, para realizar suas atividades. Dessa forma, temos que 217 respondentes afirmam trabalhar 10 horas; 138 dizem trabalhar 12 horas; 44 trabalham 14 horas; e 40 comunicadores afirmam trabalhar mais de 14 horas. As demandas atribuídas aos profissionais da comunicação aumentaram com a pandemia de Covid-19, sobretudo aos jornalistas, maioria entre os respondentes, responsáveis por suprir os cidadãos com informação de qualidade sobre este momento dramático.

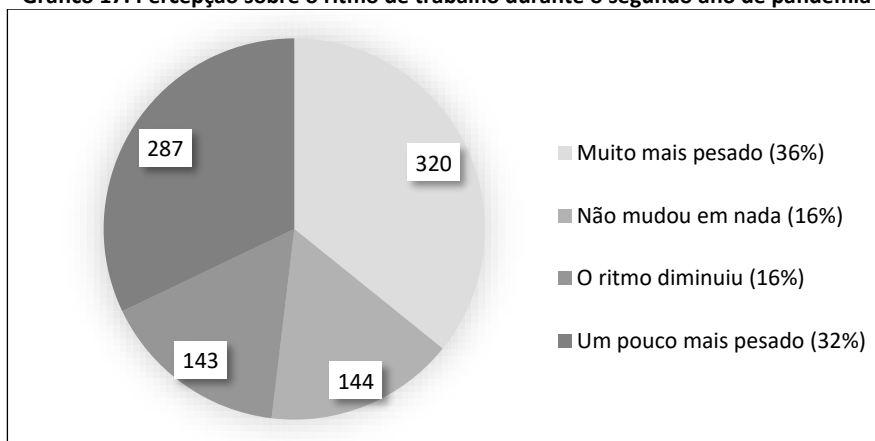
Gráfico 16. Jornada de trabalho diária durante a pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

O aumento da jornada, devido à maior necessidade do trabalho dos comunicadores demandada pela sociedade, também pode ser atribuído, como destacamos anteriormente, à reinvenção dos modos de trabalhar oportunizados pela esfera digital, os aplicativos e os softwares a serem manejados e regulados para atenderem às práticas profissionais. Há uma série de questões a serem discutidas sobre as práticas e os processos produtivos, as deontologias profissionais e os procedimentos éticos em relação a fontes, apuração, tratamento e manuseio de dados, etc. Objetivamente, todo esse esforço também trouxe aumento no ritmo e na intensificação do trabalho, conforme mostra o Gráfico 17. Como se pode verificar, o trabalho adquiriu ritmo muito mais pesado para 320 respondentes; e um pouco mais pesado para 287. O ritmo diminuiu para 143, e não mudou em nada para 144.

Gráfico 17. Percepção sobre o ritmo de trabalho durante o segundo ano de pandemia



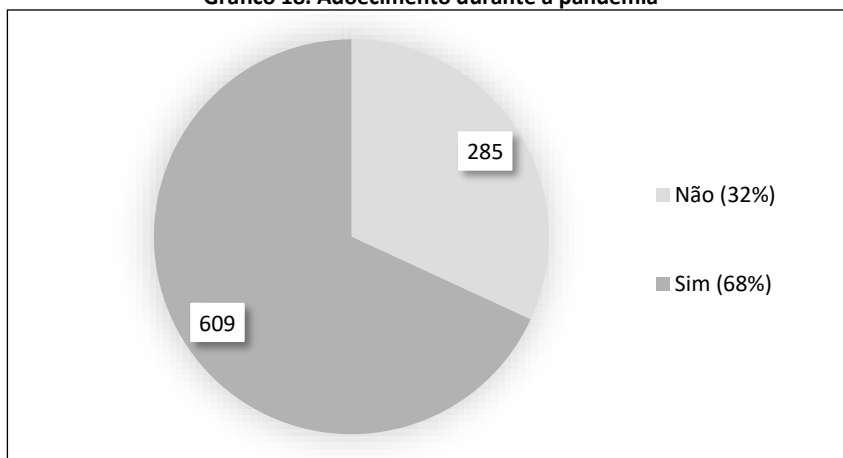
Fonte: Elaboração dos autores.

Aumento e intensificação da jornada de trabalho, bem como alteração nas rotinas produtivas e nas formas de organização e gestão das equipes de trabalho, aparecem com mais dramaticidade neste período. Poderia, certamente, ser de outra maneira, se a precarização não fosse o *modus operandi* no setor (MOLIANI, 2020; LELO, 2019; NICOLETTI, 2019; FIGARO, 2013; MICK, 2013). As implicações desse quadro geral resultam em piora nas condições de saúde dos comunicadores.

As condições de saúde dos comunicadores durante a pandemia

O questionário contemplou um conjunto de perguntas sobre a situação de saúde dos comunicadores. Conforme mostra o Gráfico 18, à questão fechada “Você adoeceu durante a pandemia?”, 68% respondentes afirmaram que sim, enquanto 32% disseram que não. Esse dado por si é preocupante e nos remete a problematizar as condições de vida e de trabalho desses profissionais.

Gráfico 18. Adoecimento durante a pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

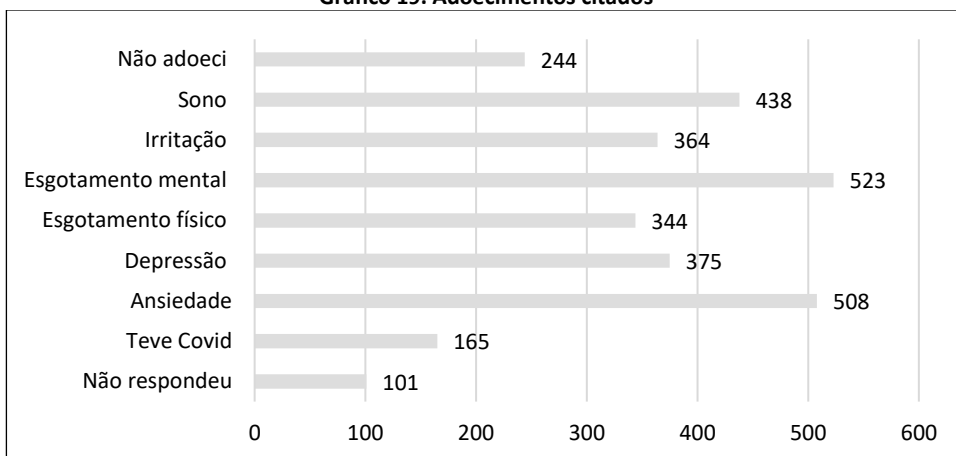
Ao inquirirmos sobre quais foram os tipos de adoecimentos, os resultados mostram motivos para maiores preocupações. Uma parcela dos que responderam que não haviam adoecido (39) passaram a relatar adoecimentos. Assim, o Gráfico 19 nos mostra que distúrbios no sono, esgotamento mental, ansiedade, depressão, irritação e esgotamento físico são os sintomas mais citados pelos respondentes. As características desses sintomas, geralmente, são causadas por situações relativas às condições de vida e trabalho.

Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), realizada entre abril e maio de 2020, revelou que os trabalhadores essenciais estão passando por problemas de depressão e ansiedade (DE BONI et al, 2020). Uma das causas, pode ser “o impacto econômico da Covid-19 [que] está sendo muito forte no mercado de trabalho”, afirmou o pesquisador Francisco Inácio Bastos, em matéria publicada no *Portal Fiocruz* (PESQUISA..., 2020, online).

Os comunicadores estão enfrentando muitas incertezas sobre o futuro das condições de trabalho, mas sobretudo estão pressionados pelas condições de intensificação e de reorganização das rotinas produtivas. Há relatos sobre dificuldades em manter a qualidade do trabalho frente à falta de condições e de equipamentos adequados. No caso dos jornalistas, ainda há relatos de situações inusitadas, como perda de arquivos, montagem e desmontagem de equipamentos, higienização constante, excesso de reuniões online, jornadas prolongadas, tudo para garantir informações sobre a pandemia.

Pontes e Lima (2019) e Heloani (2006) indicaram, em seus estudos, como a saúde desses trabalhadores é afetada pelas condições de produção no jornalismo. Os transtornos mentais já eram indicados como aspecto decorrente dos ritmos e da pressão no trabalho. A pandemia, o isolamento social e as precárias condições de trabalho no home office vieram aprofundar esse quadro de adoecimentos.

Gráfico 19. Adoecimentos citados



Fonte: Elaboração dos autores.

Considerando a divisão sexual do trabalho, as mulheres têm sido, historicamente, as responsáveis pelos cuidados e pelos serviços domésticos. O confinamento imposto pela pandemia de Covid-19 fez com que as mulheres se responsabilizassem ainda mais por essas atividades de trabalho não remuneradas em seus domicílios, inclusive em conjunto com suas atividades profissionais (GUIMARÃES; HIRATA, 2020).

Outras pesquisas quantitativas e com levantamentos conseguidos a partir de *surveys*, realizadas no país em 2020, demonstraram, assim como a nossa investigação, que a divisão entre o trabalho remunerado e o trabalho doméstico e de cuidado ficou ainda mais borrada durante a pandemia, impondo maiores demandas às mulheres. Por exemplo, a pesquisa intitulada *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*, realizada pelas organizações Gênero e Número (GN) e Sempreviva Organização Feminista (SOF), demonstrou que 61,5% das mulheres respondentes vivenciaram uma rotina de sobreposições de

responsabilidades do trabalho remunerado e do trabalho doméstico e de cuidado durante a pandemia (GÊNERO..., 2020).

Outro dado importante dessa mesma pesquisa diz respeito às mulheres que continuaram trabalhando em home office, com a manutenção dos seus salários: 41% delas afirmaram ter trabalhado mais na pandemia e, conseqüentemente, tiveram um aumento significativo de sua carga de trabalho. E 65,4% dessas mesmas respondentes acometidas com o aumento de sua carga de trabalho afirmaram que o aumento da demanda de trabalho doméstico e de cuidados dificultou a realização do trabalho remunerado, ou seja, de suas atividades profissionais.

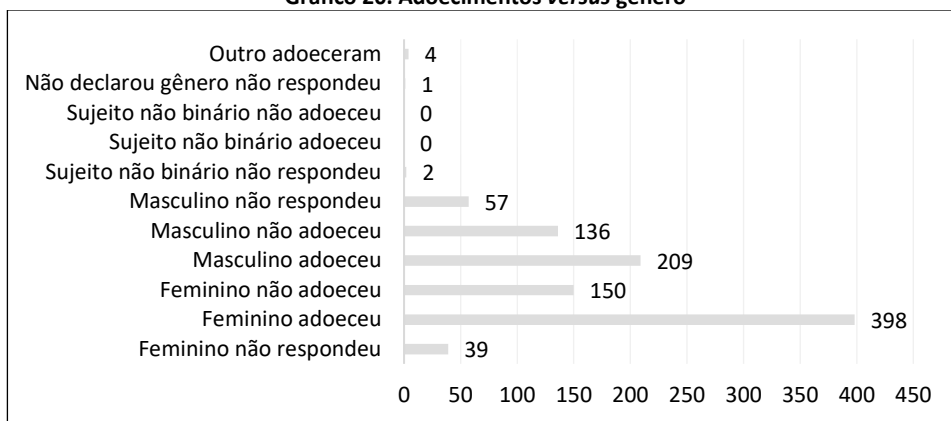
Trata-se de dados que dialogam com as vivências e experiências das trabalhadoras de nosso estudo, evidenciando, em especial, que a necessidade de conciliar as atividades de trabalho fundamentais para a manutenção da vida (cuidar das crianças, cuidar dos idosos, cuidar das pessoas adoentadas, limpar, lavar, cozinhar, etc.) com as atividades de trabalho remunerado e profissionais geram adoecimento às mulheres.

Entre os resultados da pesquisa *O termômetro da crise: Covid-19*, interessada em saber como a população brasileira se adaptou à rotina de isolamento em 2020 e realizada em parceria entre o Instituto Olhar, a Netqueste e o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), constatou-se que o nível de estresse das mulheres era maior que o dos homens devido, em grande medida (embora não de modo isolado), à sobrecarga das atividades de trabalho doméstico e de cuidado não remunerado feitas em seus domicílios (RIBEIRO; SILVA, 2020).

Um estudo realizado pelo Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), no primeiro semestre de 2020, com homens e mulheres de várias regiões do Brasil, também mostrou que as mulheres foram as mais afetadas emocionalmente durante a pandemia, sendo que 40,5% das entrevistadas responderam ter sintomas de depressão; 34,9%, de ansiedade; e 37,3%, de estresse (FERREIRA, 2021).

Os adoecimentos são preocupantes e tornam o distanciamento social e o confinamento ainda mais sofridos. Trabalhar em casa, fazer a gestão de todas as atividades domésticas e muitas vezes cuidar de filhos ou de parentes idosos incrementam o cenário de preocupações. As mulheres, conforme explicamos antes, são tradicionalmente as responsáveis pelos cuidados e pelos serviços domésticos. Como a maior parcela dos profissionais do setor da comunicação no Brasil é formada por mulheres, e 59% da amostra de respondentes se declarou de gênero feminino, cruzamos as informações de adoecimento e de gênero. O resultado confirma que são as comunicadoras as que mais adoeceram no período de um ano da pandemia, conforme mostra o Gráfico 20.

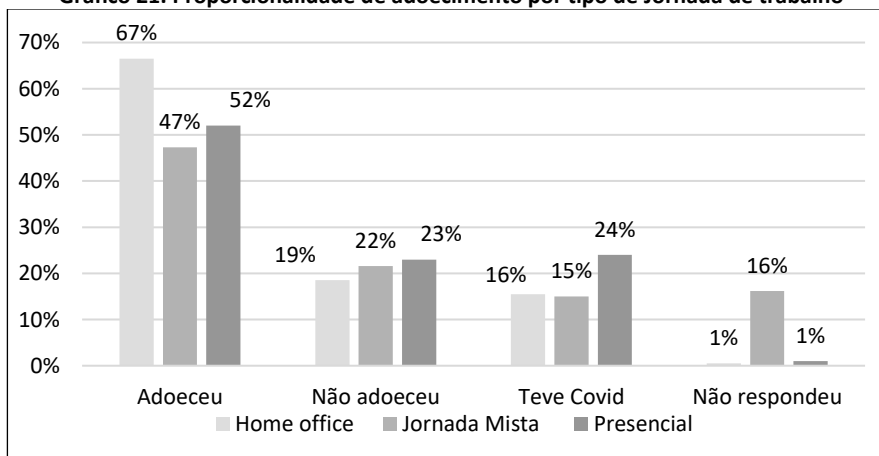
Gráfico 20. Adoecimentos versus gênero



Fonte: Elaboração dos autores.

Os dados sobre adoecimento e modalidade de jornada de trabalho também foram cruzados. Os resultados estão no Gráfico 21. O home office, modalidade de trabalho da maioria dos respondentes, quando relacionado proporcionalmente aos respondentes das modalidades mista e presencial de trabalho, foi a situação de mais adoecimentos (67%), seguido de 52% da amostra de respondentes que estão no trabalho presencial e de 47% que estão em jornada mista. Interessante verificar que os comunicadores que se mantiveram no presencial foram os que mais declararam, proporcionalmente, não ter adoecido. No entanto, quando se trata de Covid-19, são os comunicadores que estão na modalidade presencial os que mais foram contaminados, seguidos daqueles que estão em jornada mista; os que menos adoeceram de Covid-19 são aqueles que estão em home office. Esse dado é revelador e comprova a eficácia do distanciamento social como orientação profilática.

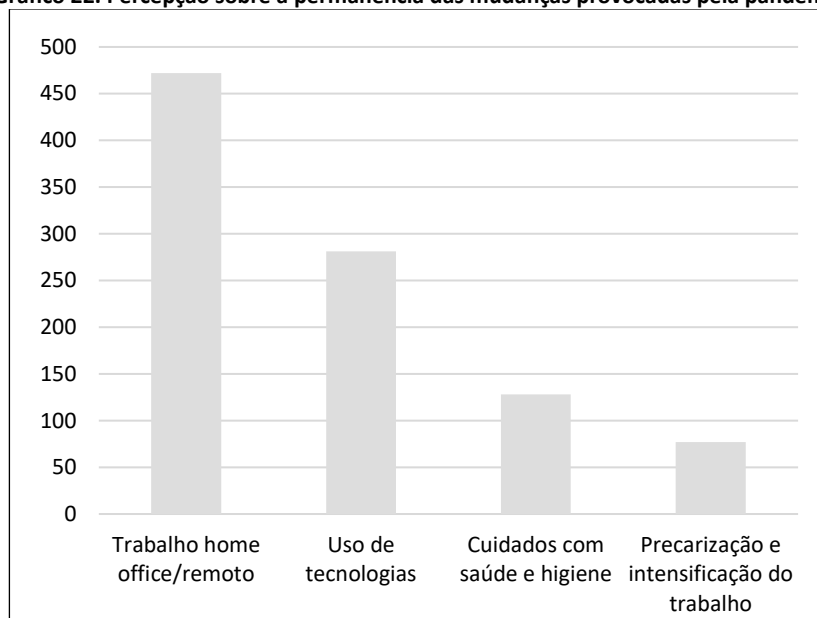
Gráfico 21. Proporcionalidade de adoecimento por tipo de Jornada de trabalho



Fonte: Elaboração dos autores.

Perguntamos qual é a perspectiva dos comunicadores sobre o que deve permanecer após a pandemia. As respostas, no Gráfico 22, apontam que o trabalho remoto em home office veio para ficar, seguido do uso de tecnologias e dos cuidados com higiene e saúde. As respostas relativas à perspectiva de permanência da precarização e da intensificação do trabalho foram minoria. Esse resultado mostra que os comunicadores não relacionam home office com intensificação e precarização do trabalho, dado que corrobora a avaliação solicitada sobre o home office durante a pandemia. Essa foi uma pergunta aberta que colheu respostas espontâneas dos respondentes. A categorização das respostas em contraditória, positiva e negativa revelou que a maioria (434) tem respostas que fazem avaliação dialética, ou seja, destacam aspectos positivos e negativos dessa modalidade de trabalho. Mas também foram categorizadas 227 avaliações positivas e 171 negativas.

Gráfico 22. Percepção sobre a permanência das mudanças provocadas pela pandemia



Fonte: Elaboração dos autores.

Discussão dos resultados

Os dados confirmam tendências sobre o perfil dos comunicadores, em especial dos jornalistas (FIGARO, 2013; MICK; LIMA, 2013), que se processam desde início dos anos 2000. Essas transformações também foram identificadas como decorrência da convergência tecnológica entre mídias (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011; RENAULT, 2013), aspecto que se aprofunda com a redação virtual, a digitalização e, na pandemia, com o home office.

São jovens profissionais, do gênero feminino, grande parte com nível de pós-graduação, com remuneração de dois a seis salários-mínimos e com vínculos empregatícios diversos. A maioria trabalha para agências de comunicação, em amplo leque de serviços,

desde a assessoria de imprensa até o marketing e a produção de conteúdo, qualquer que seja este. Os respondentes da pesquisa estão distribuídos nos 26 estados do país e no Distrito Federal, nas capitais e em grandes, médias e pequenas cidades. Temos um retrato dos profissionais da área no Brasil. A capilaridade que alcançou a pesquisa nos permite afirmar sua representatividade social.

Os mais jovens estão mais conectados e são mais ajustados às mudanças constantes, embora essa situação cause insegurança. Os comunicadores são jovens solteiros. Os casados ou com união estável formam famílias pequenas, moram com um ou até três outras pessoas. Esse perfil se coaduna com a situação contemporânea de urbanidade e de maior instabilidade dos vínculos de trabalho e de moradia.

A pandemia trouxe agravante a um cenário já conhecido. Acelerou a desestruturação do mundo do trabalho até então conhecido. A pesquisa *FIA Employee Experience (FEEEx)*, realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA), no segundo semestre de 2020, mostra que, entre 213 empresas de diferentes ramos econômicos, que responderam ao questionário, 90% aderiram ao home office no período da pandemia. Para essas empresas, a experiência foi positiva e tende a provocar mudanças no cenário pós-pandemia, exigindo adaptações de funcionários e de quadros de gerenciamento e chefia (RODRIGUEZ, 2021).

No contexto da pandemia, o trabalho dos comunicadores remoto, misto ou presencial passa por uma torrente de transformações de práticas, ferramentas e formas de relacionamento. Todos os envolvidos com o trabalho são afetados pelas mudanças, visto que as equipes são múltiplas. Os relacionamentos com públicos, fontes e clientes demandaram formas criativas de atuação. Softwares, aplicativos e todo o ferramental digital, sobretudo das *big techs* (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft), passaram a protagonizar o dia a dia dos profissionais da comunicação.

A densificação do trabalho, com aumento das jornadas e do ritmo da atividade, é a ponta do iceberg que vai se delineando e se revelando nas situações irritadiças durante o trabalho, na quebra dos coletivos, na obsolescência de práticas anteriormente consagradas. São necessários mais estudos sobre como as transformações do home office afetam a saúde dos trabalhadores, justamente por causa de toda a incerteza que se instala no mundo do trabalho. O home office desestrutura o conhecimento e a experiência sobre as normas antecedentes, a partir das quais há a renormalização no trabalho real. Os adoecimentos declarados corroboram o escopo de pesquisas que estão sendo feitas na área da saúde, a exemplo dos estudos já indicados antes, e demonstram que os males psicofísicos se intensificaram durante a pandemia, os quais corroboram o que para Trinquet (2009, p. 26, tradução nossa) se caracteriza como “periculosidade no trabalho”.

O mal-estar não está apenas no corpo da pessoa que sente. Está no ambiente social. O ritmo das atividades e a quebra das relações entre coletivos de trabalho – as ERPs (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007) – causam muita instabilidade e insegurança. As extensas jornadas, o ambiente pandêmico e a falta de orientações e de suporte necessário para o trabalho provocaram adoecimentos e maiores desgastes para se garantir no emprego.

No caso das organizações empregadoras, as demandas dos comunicadores não redundaram em garantia de infraestrutura para o trabalho e ponderação no que diz respeito

às jornadas laborais. É necessário apontar que a maioria das instituições onde atuam os respondentes não organizaram um ambiente digital próprio para a realização do trabalho, deixando aos aplicativos das plataformas esse protagonismo. Houve barateamento nos custos do trabalho para as empresas e encarecimento desses custos para os trabalhadores. A maior flexibilidade e a desespecialização profissional vêm se apresentando como fatores que jogam papel preponderante no que se anuncia como futuro do trabalho nessa área.

Conclusão

As duas pesquisas, realizadas em 2020 e em 2021, trouxeram um conjunto de informações muito expressivo para continuarmos nossas reflexões e análise. Para além do que se apresenta neste artigo, há muitos outros dados que serão ainda explorados em outras publicações e estão de modo geral expostos no relatório de resultados.

Construir os relacionamentos com as 26 entidades parceiras fez parte da metodologia. Contatos, relacionamentos com grupos de pesquisa, acadêmicos e lideranças profissionais possibilitaram a capilaridade da participação e o retorno dos 994 respondentes válidos que se manifestaram espontaneamente, contribuindo na formulação desses resultados.

Em termos de considerações conclusivas, podemos afirmar que, entre 2020 e 2021, um ano de pandemia, aumentaram as jornadas e o ritmo de trabalho dos comunicadores, bem com os adoecimentos físicos e psicológicos. Aproximadamente 20% dos respondentes afirmaram ter contraído Covid-19, enquanto muitos outros relataram ter sentido sintomas condizentes com os da doença, mas não realizaram teste para confirmar se estavam mesmo infectados pelo novo coronavírus. O home office é controverso, pois, embora haja aceitação dessa modalidade de trabalho, registram-se inúmeros senões – entre os mais salientados, os adoecimentos por estresse, cansaço mental e o aumento do custo para o trabalho, visto que as empresas não supriram o necessário para a realização das tarefas. Os equipamentos, a conta da internet e o mobiliário aumentaram os gastos com o trabalho. Nenhum subsídio foi repassado para despesas com energia elétrica, alimentação e limpeza. Além disso, a gestão do trabalho e da casa e os cuidados com limpeza, alimentação e filhos ficaram prejudicados porque o tempo de trabalho invadiu o tempo/espaço da família e do lar.

Os aplicativos e os sistemas proprietários das empresas *big techs* (MOROZOV, 2020) liberaram as empresas de comunicação de sistemas técnicos próprios. WhatsApp, e-mail, Instagram, Facebook e Trello passaram a ser instrumentos de trabalho fundamentais. Além de mediar os contatos com as fontes e as equipes de profissionais, também são ferramentas para a produção e a circulação de conteúdo. Nem mesmo sistemas próprios de controle de tempo de trabalho foram necessários. Os aplicativos exercem essa função, dissimulando o nível permanente e constante da invasão da vida privada.

É preciso ressaltar ainda que as rotinas produtivas foram transformadas. As normas do fazer cotidiano presencial passaram por renormalização sem nenhum apoio técnico consistente de parte das empresas. Os comunicadores reinventaram as formas de realizar as tarefas do dia a dia – fato que trouxe insegurança em relação à qualidade do trabalho e aos constrangimentos éticos.

Por fim, podemos afirmar que a pandemia de Covid-19 impactou a vida, a saúde e as formas de trabalho dos comunicadores brasileiros. A precarização e a densificação do

trabalho se aprofundaram; as condições de saúde, para além da Covid-19, pioraram expressivamente; e o home office é uma modalidade que parece ter vindo para ficar em muitas situações de trabalho.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

DE BONI, Raquel Brandini et al. Depression, anxiety, and lifestyle among essential workers: a web survey from Brazil and Spain during the COVID-19 pandemic. *Journal of Medical Internet Research*, v. 22, n. 10, p. 1-16, out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Painel Coronavírus*. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

CASILLI, Antonio C. *En attendant les robots*. Enquête sur le travail du clic. Paris: Seuil, 2019.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. *O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista*. 2019. 307 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Departamento de Saúde, Previdência e Segurança. *Jornalistas vitimados pela Covid-19*. Brasília, ago. 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/2L8vMy>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FERREIRA, Ivanir. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. *Jornal da USP*, 9 fev. 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/VwyPsu>>. Acesso em: 9 dez. 2021.

FIGARO, Roseli (Coord.). *Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: ...1 ano e 500 mil mortes depois*. São Paulo: CPCT-ECA-USP, 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/bMOMtQ>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

_____. (Coord.). *Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?* São Paulo: CPCT-ECA-USP, 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/f3S1EJ>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

_____. et al. O trabalho do comunicador durante a pandemia da Covid-19. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 278-290, set./dez. 2020a.

_____. et al. Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19? *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v. 3, ed. esp., p. 1-39, 2020b.

_____. (Org.). *As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas*. São Paulo: Salta, 2013.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

GENERO E NÚMERO. SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. [S,.l], 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/Tf0nq5>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

HELOANI, Roberto. O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. *Interações*, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 171-198, jul./dez. 2006.

LELO, Thales Vilela. *Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional*. 2019. 231 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, 2019.

MICK, Jacques. A precarização do trabalho dos jornalistas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., Brasília, 2013. *Anais...* Brasília: SBPJor, 2013.

_____. (Coord.); LIMA, Samuel. *Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular, 2013.

MOLIANI, João Augusto. *O trabalho em agências de comunicação: processos produtivos e densificação da atividade no jornalismo de rabo preso com o cliente*. 2020. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2020.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2020.

NICOLETTI, Janara. *Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise*. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

PASSARELI, Hugo. Renda média do brasileiro caiu 11% no primeiro trimestre de 2021, aponta estudo. *Valor*, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/z3Y6xh>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1. n. 24. p. 38-57, jan./jun. 2011.

PESQUISA analisa o impacto da pandemia na saúde mental de trabalhadores essenciais. *Portal Fiocruz*, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/hYfZQf>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

PITHAN, Liana Haygert; VACLAVIK, Marcia Cristiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 158-171, jan./mar. 2020.

PONTES, Felipe Simão; LIMA, Samuel Pantoja. Impactos do mercado jornalístico na vida de seus trabalhadores: um estudo sobre indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 1-19, maio/ago. 2019.

RENAULT, David. A convergência tecnológica e o novo jornalista. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 30-49, 2013.

RIBEIRO, Ludmila; SILVA, Bráulio. O coronavírus, as mulheres e o lar: uma combinação exclusiva? *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, p. 1-14, nov. 2020.

RODRIGUEZ, Diogo Antonio. Ficar em casa dá trabalho, mas home office deve permanecer, dizem pesquisas. *UOL*, 31 maio 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/n31xJU>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SCHWARTZ, Yves; DUC, Marclle; DURRIVE, Louis. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia*. Conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007. p. 189-206.

_____.; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia*. Conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

THIBES, André; NICOLETTI, Janara. Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: indicativos de precarização do trabalho. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. *Anais...* Brasília: SBPJor, 2017.

TRINQUET, Pierre. *Prévenir les dégâts du travail: l'ergoprévention*. Paris: PUF, 2009.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VEJA a evolução dos valores do salário mínimo desde o Plano Real. *R7*, 31 ago. 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/KoTxhg>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

VOLT DATA LAB. *A conta dos passalhos*. Um panorama sobre demissões de jornalistas nas redações do Brasil desde 2012. [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://passalhos.voltdata.info/>> Acesso em: 8 dez. 2021.

Roseli Figaro

Professora e coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Presidenta da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Ana Flávia Marques

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Camila Acosta Camargo

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Claudia Nociolini Rebechi

Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Daniela Ferreira de Oliveira

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Jamir Osvaldo Kinoshita

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Janaina Visibeli Barros

Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

João Augusto Moliani

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Naiana Rodrigues da Silva

Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Yonara Aparecida Santana

Mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.